**O SILENCIO DO SABIÁ: imagens da vida e da morte**

***Carlos André Macedo Cavalcanti[[1]](#footnote-1)***

***Cristiano Amarante da Silva*** [[2]](#footnote-2)

**Grupo de Trabalho (GT):** **11: Ensino Religioso, Cuidado Espiritual e Saúde: (re)descobrindo confluências**

**Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo nos fazer refletir e analisar através do imaginário, as imagens de vida e de morte frutos da Pandemia da COVID-19, reconhecida pela OMS em 11 de março de 2020. Buscaremos através de uma metodologia descritiva apresentar os efeitos causados nas vidas das pessoas que foram atingidas direta e indiretamente pela pandemia no Bairro do Renascer em Cabedelo -PB, apresentaremos acontecimentos e mudanças de hábitos em nosso quotidiano, no âmbito, social, econômico, familiar, educacional e religioso, analisando as imagens vistas e os momentos sofridos, simbolizados em imagens da vida real, de forma física ou virtual. Pretendemos incentivar as pessoas a poderem não só recordar, mas também perceber que fazer a memória deste acontecimento em nossas vidas, também é uma forma que possibilita nos recuperar interiormente e ao mesmo tempo ajudar outras pessoas a se curar, do mal emocional e psíquico causado pela Pandemia. E nos utilizando da teoria do imaginário buscamos restaurar a integralidade humana tão afetada nesses últimos tempos, nos lembrando que antes de ser imaginamos.

**Palavras-chave:** vida, morte, imaginação, pandemia, símbolos.

**1 Introdução**

A Pandemia da COVID-19 entrou sorrateiramente na vida do planeta terra, de uma hora para outra o silêncio é substituído pelo vazio. Nosso trabalho busca analisar esse momento da história, apresentando a realidade vivida neste período no Bairro do Renascer em Cabedelo -PB, através de três momentos: 1º - O impacto da pandemia na vida eclesial e pastoral da comunidade; 2º - As crises existências e sociais; 3º - As imagens de morte gerada pela Pandemia.

Nosso objetivo foi alicerçado em analisar se utilizando dos instrumentos da Teoria do Imaginário os acontecimentos e os símbolos gerados no período pandêmico da COVID-19. Refletir em relação aos impactos na vida das pessoas, principalmente os idosos. Observar os fatores positivos para o meio ambiente durante a Pandemia de COVID-19.

Nós utilizaremos de uma metodologia descritiva, aprofundando os dados gerados na época a luz da teoria do imaginário. Se utilizando das estratégias da mitoanálise e da mitocrítica buscaremos expor os cenários criado pela COVID-19, no Bairro Renascer em Cabedelo.

**2. O impacto da pandemia na vida eclesial e pastoral da comunidade.**

O Renascer é um bairro que foi fundado na década de 80 através do governo do estado da Paraíba, para acolher as pessoas desabrigadas que moravam na comunidade beira do rio hoje denominada Bairro São José e no Cachorro Assado. A população é formada em sua maioria por pessoas que trabalham na construção civil ou de doméstica. Com o reconhecimento que o mundo estava sendo atingido por uma Pandemia mudou radicalmente o estilo de vida das pessoas.

As ruas antes agitadas começaram a ficar vazias de forma gradativa, eventos públicos começaram a cessar, entre eles as Igrejas, o espaço voltado para reunião das pessoas partilharem suas angústias e alegrias inicia um processo de segregação como forma de proteger os mais vulneráveis, crianças e idosos. Ocorreu o que o Mestre Durand intitula de uma epifania imaginária da angústia *humana “A terceira grande epifania imaginária da angústia humana, diante da temporalidade, parece-nos residir nas imagens dinâmicas da queda”* (2012, p.112-113). Essa manifestação da angústia passa a ser percebida quando as pessoas passam a serem orientadas a ficar em casa, não poderem participar dos cultos, sentem a solidão bater em sua porta, entre esses idosos estava meu Pai o Sabiá, que mesmo aposentado não parava sua vida tocando obras da construção civil.

A queda citada atingiu não só atingiu o povo, mas também as instituições religiosas como todo processo endêmico e epidêmico que vivemos na história. Além das escolas e empresas, as Igrejas passam a ter de ir diminuindo a participação das pessoas em cultos e missas, fazendo com as pessoas fossem atingidas por uma vasta solidão. Muitos foram os que incentivaram as instituições e pessoas a desobedecerem às orientações sanitárias, executadas por muitos que hoje já não se encontram entre nós.

Vendo seus templos vazios, muitos líderes religiosos tiveram que mudar suas práticas pastorais, se utilizando das redes sociais onde podiam transmitir suas celebrações, alguns enviaram mensagem de esperança, mas muitos se apegaram há um discurso voltado há uma

moralização, atribuindo a espíritos maus a sua queda, como ocorre em outras épocas da história, segundo Durant (2012, 114),

“Introduz-se no contexto físico da queda uma moralização e mesmo uma psicopatologia da queda: em certos apocalipses apócrifos a queda é confundida com a "possessão" pelo mal. A queda torna-se, então, símbolo dos pecados de fornicação, inveja, cólera, idolatria e assassínio.”

A sociedade viveu um momento de “*Terror diante da mudança da morte devoradora...” (*Durand, 2012, p. 89). Segundo Durand (2012,114) “*A Morte, para os caraíbas e na Bíblia, é o resultado direto da queda”.* Diversos foram aqueles que, como aponta Gilberto Durand, atribuíram a queda causada pela Pandemia ao pecado do Povo, e a festa que foi mirada foi o carnaval, e consequentemente as religiões de matriz africana. Mas no decorrer dos acontecimentos o cenário vai mudando e diversos líderes religiosos que estimulavam o povo a desacreditar as orientações sanitárias, vão fazendo sua Páscoa, confirmando o que nos fala Durand (2012, p. 294) “A poesia, a história, assim como a mitologia ou a religião, não escapam ao grande esquema cíclico da conciliação dos contrários.”

A partir dessa compreensão o imaginário nos possibilita observar que a evolução humana, não pode ser vista e analisada apenas pelos aspectos da razão, mas também através das emoções vividas pelas pessoas no decorrer da história, e a leitura de sua imaginação, e sensações transmitidas. Durante o período da Pandemia, podemos perceber que nada substitui a dinâmica da vida humana, apesar de toda tecnologia, a presença tem é ímpar, já que podemos perceber, que diversos foram os prejuízos psicológicos causados pelo afastamento das pessoas, apesar de necessário, não podemos negar a dor sentida por todos aqueles que tiveram de ficar ausentes de nossas vidas.

Voltando ao tema da angústia citada por Durant, posso afirmar que o cenário pastoral foi de angústia e dor, por parte daqueles que seguiram as orientações sanitárias de isolamento no âmbito pastoral, já à nossa frente antes tínhamos pessoas, naquele momento nos deparamos com bancos. E não podemos esquecer daqueles que ficaram nos leitos de hospitais, entre eles o me Pai Manoel Felix da Silva, conhecido popularmente por Sabiá, que entrou no dia 29 de julho de 2020 no Hospital Padre Alfredo Barbosa, conduzido por mim, que neste dia ainda pude prestar uma assistência de ânimo, e incentivar a manter a fé, perguntando como estava, e o mesmo de máscara, informava que estava melhor. Vivi a “Angústia humana, naquele momento, naquela realidade temporal.”

Então podemos afirmar que o aspecto da espiritualidade no campo pastoral ele deixa de ser abastecido pelo símbolo da presença, para dar lugar a solidão e a ausência, a vivência para muitos do silêncio, principalmente nos ambientes prisionais e hospitalares.

2º - As crises existências e sociais.

Segundo os órgãos de saúde, uma das consequências da pandemia na vida das pessoas foram as crises, sejam elas existenciais, e sociais. A primeira atingiu todas as classes, a solidão causada pelo isolamento atingiu de cheio a qualidade mental, levando a diversas situações clínicas que ainda hoje fazem parte da vida das pessoas atingidas, entre elas o desencadeamento de doenças mentais, provocando uma superlotação nos consultórios dos psicólogos e psiquiatras. Tal situação compromete diretamente o sentido da vida das pessoas, algumas conseguiram se reinventar, mas muitas foram atingidas pela ansiedade, depressão, perda de sentido. Segundo Durand, tais condições atingem algo essencial na vida humana que é a condição de representação (1968, p. 55):

*“A doença mental reside justamente numa perturbação da representação. O pensamento doente é um pensamento que perdeu o «poder de analogia» e no qual os símbolos se desfazem, se esvaziam de sentido. O homem pensante e a saúde mental definem-se, portanto, em termos de cultura, e o homo sapiens é, afinal, um animal symbolicum.”*

Os efeitos foram diversos como bem pontua Durand, os símbolos de conforto e segurança foram sendo perdidos gradativamente com o avanço da Pandemia, ao ponto de se passar de um estado de segurança emocional para um estado de pânico, provocado pela ansiedade que atinge diversas pessoas, entre elas este que vos fala: Com o internamento de meu os símbolos que me cercavam passaram a não fazerem tanto sentido, já que a imagem que ficou em minha mente foi apenas do mesmo perguntando pelas suas roupas, já que ao ser transferido do Hospital onde se encontrava para o especializado em tratamento de COVID-19, foi despido de suas roupas. Foi a última vez que me abençoou e pude ver seu semblante, vivo, com a esperança nos olhos que voltaria, “O Sabiá, mesmo no sofrimento não perdeu sua ternura.

Atingido pela carga de tensão pela responsabilidade de ser o canal entre o hospital e a minha família, fui existencialmente fraquejando, pessoas e objetos que simbolizavam conforto e segurança, passaram a representar medo. Lembro muito bem que não conseguia dirigir, o pânico juntamente com a ansiedade desenvolvida pelas lutas diárias com meus pais me impedia viver e usufruir dos bens que tinha. Segundo Durand,

*“Do mesmo modo, a doença média, aquela que dá esperança de cura, é, mais do que a «perda da função simbólica», a hipertrofia desta ou daquela estrutura simbólica e o bloqueamento sobre esta estrutura. O doente é um desadaptado, eu diria mesmo quase um «ultrapassado» em relação ao meio e à ação na qual está inserido: o seu modo de reequilíbrio em relação ao meio não é aquele que é aceite pelo próprio meio.” (ibidem, 1968 p.102)*

Nunca tinha encontrado uma palavra tão profunda em relação a minha realidade **“Eu fui desadaptado**”, não só eu, mas todas as pessoas atingidas pela pandemia da Covid-19. O que possibilitou meu retorno antes de tudo as experiências com o sagrado que gradativamente foi recuperando o sentido, e a Curso de Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, que me possibilitou reacreditar e dar sentido aos acontecimentos e símbolos que se formaram.

Na realidade social, podemos presenciar o aumento de pessoas que entraram em crises sociais, por terem perdido sua fonte de renda, uma verdadeira força tarefa teve de ser montada para podermos dar pelo menos uma refeição por dia para aquelas pessoas que nada tinham em suas casas. Em nosso bairro aumentou consideravelmente o número de pessoas que tentavam sobreviver através da coleta de material de reciclagem, mas não tinha, material para todos, o que gerou desespero nas pessoas, em busca da sobrevivência o que levou a um desequilíbrio psicossocial. Por esse motivo, não podemos nos contentar cum uma única explicação na caminhada do sentido da vida e dos símbolos por ela produzido*, “Mas se o objeto da simbologia é por essência pluridimensional e se refracta ao longo de todo o trajeto antropológico, daí resulta que já não podemos contentar-nos com uma hermenêutica limitada a uma única dimensão” (Durand, 1968, p. 91).*

Há uma necessidade de debruçar na busca do entendimento dos símbolos que vão se formando na realidade das pessoas pós-pandemia da COVID-19, querer limitar esse entendimento Durand deixa claro que é um erro, principalmente em uma sociedade plural como a nossa, rica culturalmente, e com uma religiosidade que ultrapassa as dimensões das estatísticas produzidas pelos institutos.

Vivemos experiências que muito nos desafiaram já que sermos atingidos pelo que o Durand intitula qualidades negativas *“As qualidades negativas desse universo hostil ao repouso e à profundidade seriam o superficial, a secura, a nitidez, a pobreza, a vertigem, a iluminação e a fome.” (2012, p. 268).*

Nessas poucas linhas podemos perceber quanto teoria do imaginário pode iluminar nosso entendimento, em torno dos acontecimentos, que nos atingiram no período da Pandemia. A teoria nos provoca a pensar e buscar se aprofundar no sentido das coisas que nos desafiaram no passado e desafiam ainda hoje no presente, já que as crises existenciais e sociais, fazem parte do nosso cotidiano. Então nada melhor que desenvolvermos momentos de reflexão e análise, se utilizando da teoria, que nos interpela a prosseguir para águas mais profundas.

**3º - As imagens de morte geradas pela Pandemia.**

Diversas foram as imagens de morte geradas pela Pandemia, nos cemitérios, hospitais, ambientes familiares, vivemos verdadeiras oscilações como nos lembra Durand se apropriando da fala de João da Cruz*: “Em S. João da Cruz, na tão célebre metáfora da "noite obscura" Segue-se com nitidez a oscilação do valor negativo ao valor positivo do simbolismo noturno.” (2012, p. 219)*

Diversos foram os símbolos gerados, em meio a realidade pandêmica, voltando ao renascer o símbolo da máscara como prisão é algo muito constante ao ponto de muitas pessoas não conseguirem mais utilizar na comunidade, já que quando é necessário tal uso são atingidas por crise de ansiedade, levando há um total descompasso corporal atingindo assim suas faculdades mentais e emocionais.

Fomos tomados pelos símbolos catamorfos, segundo a Professora Drª Danielle Pitta,

*São aqueles relativos à experiência dolorosa da infância. A queda tem a ver com o medo, a dor, a vertigem, o castigo (Ícaro). Mas a queda freqüentemente é uma queda moral (pelo menos no Ocidente) e tem então a ver com a carne, o ventre digestivo e o ventre sexual e daí, com o intestino, o esgoto, o labirinto. Cai-se no abismo, e o abismo pode ser tentação (Pitta,1995, p.06).*

Diversas foram as situações em que tal experiência nos fez nos ver como uma queda constante, a qual não tivemos a princípio forças para podermos enfrentar, acometidos de dor e medo, buscando apoio e força sem encontrar palavras que não viam a boca para consolar. Lembro bem no dia que fui reconhecer o corpo do meu pai no hospital para poder realizar o sepultamento, ao abrir aquele saco preto percebi seu semblante sereno, e meu gesto foi por junto dele, dois sacramentos importantes, parafraseando Leonardo Boff: seus óculos escuros e o boné, dois sinais muito fortes de sua existência. Depois realizei o rito de passagem das exéquias e a urna foi fechada, e dentro de mim se fez presente uma das três soluções apresentadas por Durand *“a visão cíclica do tempo no qual toda morte é renascimento” (Pitta,1995, p.06).*

**4 Resultados e Discussão**

Diante do que pude provocar nessas simples linhas, podemos perceber a riqueza da “Teoria do Imaginário” como instrumento de análise das realidades da vida, seja dentro de uma perspectiva cronológica, artística, cultural e escatológica. Os métodos desenvolvidos pela teoria possibilitam ao pesquisador, entender o sentido e a clareza dos objetos existentes na vida humana. Realizar uma abordagem que permita a pessoa se encontrar é algo mais que gratificante, e a teoria nos dá suporte para isso mediante sua multidisciplinaridade.

Diante do que foi exposto não podemos esquecer que, para melhor entendermos, necessitamos antes de tudo nos abrirmos a experiência que a teoria nos possibilita, que é no deserto que nos encontramos podermos ter coragem de observar a imagem que surge no oásis.

**5 Considerações Finais**

Ensaiar uma análise do processo da Pandemia da COVID-19, pela teoria do imaginário, só foi possível porque tive o incentivo do meu orientador Prefº. Drº. Carlos André Cavalcanti, a ele devo minha gratidão. Outro ponto que ressalto nessa conclusão é que esta é a primeira vez que escrevo após a morte de meu Pai em 21 de agosto de 2020, uma abordagem acadêmica sobre o tema. O Sabiá que dá o título do trabalho é ele, já que popularmente era conhecido assim.

E não poderia deixar de ressaltar que, necessitamos muito da teoria do imaginário em nossas salas de aulas e não posso esquecer nas unidades de saúde, já que através a mitocrítica e mitanálise, possibilitamos a pessoa deixar o espaço de passividade, para se tornarem autoras da sua própria história. Em tempos em que há tantos símbolos de morte, a teoria nos permite enxergar, onde estão, como surgiram e como podem ser superados. Esperamos ter atingido nosso objetivo que é antes de tudo demonstrar a possibilidade e a riqueza que a teoria nos possibilitou, uma palavra que resume nosso sentimento é gratidão.

**Referências**

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia gera*l I Gilbert Durand: tradução Hélder Godinho. – 4ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_A Imaginação Simbólica. Tradução (da 6.a ed. franc. - 1993): Carlos Aboim de Brito revista pelo Gabinete Técnico de Edições 70, Ltda.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Inciação á teoria do imaginário de Gilbert Durand. Recife. UFPE, 1995.

1. Professor Doutor Titular da UFPB desde 1991, onde atua no ensino e na pesquisa nos níveis de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Ciências e História das Religiões. Contato: carlosandrecavalcanti@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB. Atua na Secretaria de Educação de São Miguel de Taipu/PB. Contato: cas2@academico.ufpb.br [↑](#footnote-ref-2)